

VÁRIA

Nótulas asturienses

I

Como apêndice ao artigo *O asturiense em Portugal*, publicado no último número dos *Trabalhos* (vol. IV, fasc. I), damos uma primeira série de breves nótulas arqueológicas e bibliográficas, que serão continuadas sempre que haja oportunidade.

PORTUGAL— Como teve a deferência de me comunicar, o R. P. Alphonse Luisier encontrou um grande pico em 17 de Junho de 1928, entre *Ancora* e *Afife*, a uns cem metros acima da estrada.

Depois das nossas explorações em *Molêdo*, *Ancora* e *Afife* (Fevereiro-Março de 1928), os srs. Abel Viana, Tenente Afonso do Paço e Tomás Simões Viana procederam a pesquisas na costa, que levaram à descoberta das estações de *Carrêço*, *Areosa* e *Viana do Castelo* (Agosto ou Setembro de 1928 a Abril de 1929).

Fica assim estabelecida a prevista continüidade de estações entre o Minho e Lima, pois, como pude observar num passeio arqueológico a *Areosa* e *Viana* (Janeiro de 1929), a indústria é a mesma em tôdas elas e encontra-se quási ininterruptamente na praia, estendendo-se para o interior.

É extremamente notável a abundante colheita de instrumentos, que atinge já alguns milhares.

Pelo sr. dr. Felix Alves Pereira foi-nos penhorantemente transmitida uma carta do Rev. P. João Lourenço Loução, onde se descrevia o aparecimento de calhaus roliços lascados, semelhantes aos instrumentos paleolíticos de *Camposancos* (Galisa), na margem esquerda do Rio Minho, desde a ponte de *Esteiro* ao *Cabedelo*. Em Janeiro de 1929 não os pude descobrir, devido talvez à maré cheia encobrir as margens. Apanhei contudo pedaços amorfos de sílex, de que o homem pré-histórico poderia servir-se para as suas armas, e que há muito são empregados para ferir lume.

ESPAÑA— Em Setembro de 1928 examinei no *Museu Prehistórico de Santander* os picos asturienses recolhidos pelo seu director

dr. Jesus Carballo numa sepultura de *Colombres* (LI). Do esqueleto, que foi encontrado em péssimo estado, conservam-se poucos fragmentos.

O R. P. Eugénio Jalhay, a quem se deve o estudo do « asturiense » ocidental, e o sr. Manuel F. Costas descobriram novas estações no Sul da Galiza (LIII, LVI).

FRANÇA — Na sala I, vitrina 14, do *Musée des Antiquités Nationales* de Saint-Germain-en-Laye, vi em Setembro de 1928 instrumentos talhados em seixos rolados de quartzite dos vales do *Sausse* e *Ceillonne* (Haute-Garonne), e outros de *Côtes-du-Nord*, *Loir-et-Cher* e *Vienne*, que morfológicamente parecem picos asturienses. Alguns destes instrumentos são considerados do tipo de St.-Acheul, observando o sábio prof. Salomão Reinach que a sua classificação se teve de fazer por comparação, por se tratar de achados de superfície (1).

Na ilha *Téviac* (Morbihan) foi explorado por M.^{me} e Mr. de Saint-Just Péquart um notável *kjökkenmödding* mesolítico (2). Além duma numerosa indústria lítica onde se notam formas tardenoisenses; instrumentos ósseos; candis de veado e colares de conchas (*Cypraea europaea*, *Littorina obtusata*, *Trochus*, *Patella vulgata*, etc.), encontraram-se bastantes esqueletos que serão estudados pelo prof. Boule.

Entre os utensílios fabricados de seixos, há « pesos de rede » como os das estações costeiras galegas e portuguesas.

Os mesmos arqueólogos encontraram em *Er Yoh* (Morbihan) destes pesos (que os pescadores actuais ainda empregam), havendo nesta estação quartzites lascadas semelhantes às de *Ancora*.

Registemos ainda a descoberta de cerâmica neolítica nas terras negras litorais de *Sables d'Olonne* (Vendée) (3), *Moulligna* (Basses-Pyrénées) (4) e *Bidart* (5). Na praia de *Moulligna* foi reconhecida indústria asturiense (LXIII).

(1) Salomon Reinach, *Catalogue illustré du Musée des Antiquités Nationales au Château de Saint-Germain-en-Laye*, II, págs. 11 e 13. Paris. 1921.

(2) Marthe et Saint-Just Péquart, *Un gisement mésolithique en Bretagne*. Extr. de « *L'Anthropologie* », XXXVIII, Paris. 1928.

(3) F. Ydier, *Poterie néolithique des Sables d'Olonne* (Vendée). « *Bull. de la Soc. Préhistorique Française* », XXVI, pág. 150. Paris. 1929.

(4) E. Passemard, *L'industrie des Tourbes de Moulligna* (Basses-Pyrénées). Extr. du « *Bull. de la Soc. Préh. Française* », XVIII, Paris. 1921. Na bibliografia deste artigo figuram títulos de onze trabalhos sobre o assunto. Pode-se consultar sobre a prehistoria da região o livro do mesmo autor — *Les stations paléolithiques du Pays Basque et leurs rapports avec les terrasses d'alluvions*. Bayonne. 1924.

(5) H. Breuil, *Institut Français d'Anthropologie*, vol. II, Paris. 1914.

IRLANDA — A bibliografia e a crítica dos pseudo-instrumentos asturienses de *Antrim* pode ver-se num documentado trabalho de C. Whelan (LXV).

EGITO — Sandford e Arkell relacionam com o asturiense instrumentos encontrados *in situ*, de colaboração com G. Brunton, num abrigo rupestre, juntamente com cerâmica dinástica primitiva, tritadores, furadores e outros utensílios (LXII).

BIBLIOGRAFIA — Continua a numeração da bibliografia apresentada em *O Asturiense em Portugal*, mas preferiu-se a disposição por ordem alfabética dos autores, visto não se poder manter a cronológica:

XLVI — BARRADAS (Dr. J. Perez de) — *La civilización asturiense en Portugal*. (El Debate. 13 Set. 1928. Madrid).

XLVII — BREUIL (Ab. Henri) — *Algunas observaciones acerca de la obra de D. Juan Cabré, titulada El arte rupestre en España*. (Extr. del Bol. de la R. Soc. Española de Hist. Nat., XVI, págs. 253-269. Madrid. 1916).

XLVIII — BURKITT (Prof. Miles C.) — *Our early ancestors* (págs. 24-26 e est. I. Cambridge. 1926).

XLIX — CABRÉ (J.) — *El arte rupestre en España*. (Memória n.º 1 da C. I. P. P. Madrid. 1915).

L — CARBALLO (Dr. Jesus) — *Prehistoria universal y especial de España* (pág. 138. Madrid. 1924).

LI — CARBALLO (Dr. Jesus) — *El esqueleto humano mas antiguo de España*. (Santander. 1926).

LII — CARBALLO (Dr. Jesus) — *Baston de mando prehistórico procedente de la caverna del Pendo*. Santander. (Santander. 1927).

LIII — COSTAS (Manuel F.) — *As industrias líticas d'A Guardia*. Novas estações. (Nós. Tomo VI, n.º 64, pág. 67. A Cruña. 1929).

LIV — CUEVILLAS (Florentino L.) — Análise de LXIII. (Nós. n.º 56. A Cruña. 1928).

LV — FONTELA (J. Dominguez) — Análise de LXIII. (Bol. A. C. P. M. H. A. O., VIII, n.º 179. Orense. 1928).

LVI — JALHAY (P.º Eugénio) — *La estación asturiense de La Guardia*. Galicia. (Bol. A. C. P. M. H. A. O., VIII, n.º 179. Orense. 1928).

LVII — JALHAY (P.º Eugénio) — Análise de LXIII. (Brotéria, VII, fasc. III, pág. 193. Caminha. 1928).

LVIII—MENDES CORRÊA (Prof. A. A.)—*A Lusitânia pre-romana*. (Historia de Portugal, vol. I. Barcelos, 1928).

LIX—OBERMAIER (Prof. Hugo)—Artigos: *Asturias-Stufe, Diluvialchronologie e Klima-Optimum*. (Realexikon der Vorgeschichte her. v. Max Ebert, vols. I, II, VII. Berlin. 1924-26).

LX—PASSEMARD (Dr. Emanuel)—*L'industrie des Tourbes de Mouligna. Basses-Pyrénées*. (Extr. du Bull. de la Soc. Preh. Française, XVIII. Paris. 1924).

LXI—RELLINI (Prof. Ugo)—*Sulla nomenclatura delle culture quaternarie*. (Extr. del Bull. di Paleontologia Italiana, XLVII. Roma. 1929).

LXII—SANDFORD (K. S.) and W. J. ARKELL—*On the relation of palaeolithic man to the history and geology of the Nile Valley in Egypt*. (Man. XXIX, n.º 4, pág. 65. Londres. 1929).

LXIII—SERPA PINTO (R. de)—*O asturiense em Portugal*. (Extr. dos Trab. S. P. A. E., IV, fasc. I. Pôrto. 1928).

LXIV—VIANA (Abel)—*A estação asturiense de Areosa. Viana do Castelo*. (Portucale, vol. II, n.º 7. Pôrto. 1929. Em publicação).

LXV—WHELAN (C. Blake)—*The implementiferous raised beach gravels of south-east Antrim*. (Man. XXVIII, n.º 11, pág. 136. Londres. 1928).

Pôrto. Maio. 1929.

R. DE SERPA PINTO.

Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica em Portugal

Está definitivamente resolvido que a 4.ª assembleia geral do Instituto Internacional de Antropologia se realizará em Setembro de 1930 em Portugal (Coimbra e Pôrto), reatando-se nessa oportunidade a tradição dos antigos Congressos Internacionais de Antropologia e de Arqueologia Prehistórica, que tinham deixado de se realizar após a Grande Guerra. Para êste efeito, estabeleceu-se um pleno acôrdo entre o Comité director do Instituto e o Comité dos antigos Congressos.

Assim, a reunião de Portugal será não só a 4.ª sessão plenária do referido Instituto — que tem sucessivamente efectuado essas sessões em Liège (1921), Praga (1924) e Amsterdam (1927) — mas também o XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistórica, o último dos quais fôra o de Genebra, de 1912. É interessante recordar que em 1880, isto é, precisamente meio

século antes do Congresso que vai realizar-se, reuniu em Lisboa um desses Congressos Internacionais, que foi muito brilhante.

O núcleo português do Instituto Internacional de Antropologia tem a sua sede em Coimbra. Resolveram, entretanto, os Comités internacionais e o Núcleo que o programa do Congresso de 1930 se repartisse com o Pôrto, sede da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», a qual está pronta a colaborar activamente nos trabalhos preparatórios da reunião.

É para desejar que esta tenha o maior êxito, prevendo-se já a afluência de grande número de congressistas estrangeiros e falando-se na realização de excursões a Lisboa, Guimarães e Briteiros, Figueira, etc.

Constituir-se há uma Comissão de Honra, além da Comissão Executiva, formada pela Direcção do Núcleo e por elementos que esta agregará, e da Comissão local do Pôrto.

Museu Antropológico do Pôrto

Continuando a publicação das ofertas e depósitos no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto (Ver *Trabalhos*, IV, pág. 92), damos a lista resumida dos objectos recebidos de Outubro de 1928 a Maio de 1929:

Do sr. dr. Liberal de Sampaio, por intermédio do sr. prof. dr. Mendes Corrêa; fragmento de cerâmica ornamentada do tipo da Penha, da Quinta do Salvador (Outeiro Sêco. Chaves).

Do Rev. P. Rafael Rodrigues, por intermédio do mesmo professor, os seguintes objectos do dolmen VIII da Chã das Arcas, Carrizado de Alvão: Machadinho de pedra polida tendo gravado um cervídeo ferido; figura zoomórfica, afim dos «berrões», com um sinal asteriforme gravado (publicados na «Portugalia», vol. I, fasc. IV); três calhaus inéditos tendo gravados respectivamente uma figura zoomórfica rudimentar, um sinal alfabetiforme (?) e uma cabeça de cervídeo (?).

Da sr.ª D. Maria Emília Moreira Gonçalo, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto: parte dum grande vaso com faixas pintadas (vermelho e branco) e com um grafito; dois pratos de barro e um pequeno vaso com asa, da necrópole luso-romana de incineração (séc. IV) do Campo da Tôrre, da freguesia de Sardoura, Castelo de Paiva.

Da família Amorim, por intermédio de R. de S. P., fragmento de trave de carvalho e tijolo com marca digital do *Balneum* luso-romano de S. Vicente do Pinheiro, Penafiel.

Do sr. Eng. H. Mendes Corrêa, «imbrex» com marcas digitais do Castelo de Guifões, Matozinhos.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto: «coup-de-poing» de quartzite de Ancora; picos asturienses de Viana do Castelo e Areosa; quartzite lascada de Santa Cruz do Bispo; cerâmica ornamentada da Penha, Guimarães; roca, correia e fuso de Guimarães.

Do sr. dr. Luís de Pina, cerâmica de Lapinha, Guimarães.

Do Rev. P. Francisco Tavares, por intermédio do sr. dr. J. R. dos Santos Júnior, machadinho de pedra polida de Estevais de Mogadouro; e uma cestinha feita dum caroço de ameixa utilizada em Carviçais como passador para o fio da meia.

Do sr. dr. Joaquim R. dos Santos Júnior: fragmentos cerâmicos ornamentados de Cigadonha (Carviçais), Baldoeiro (Vilariça) e Cabeço dos Carneiros (Moncorvo); reduções de arado, grade e jugo feitos por um pastor de Moncorvo.

Do sr. dr. R. de Serpa Pinto, depósito de dezóito instrumentos paleolíticos de quartzite descobertos nos arredores de Elvas pelo sr. Leren Antunes Barradas.

Do sr. Joaquim Ferreira Barbosa, «corta-favas» e «puxavante», instrumentos de veterinária, de Vandoma, Paredes.

Do Rev. Ab. Vasco Moreira: pesos de pedra, machado de pedra polida, etc. de Castro Rei, Tarouca.

Da família Braga Júnior, por intermédio do sr. prof. Augusto Nobre, dois crânios e um frontal de índios do Brasil.

Do sr. Armando de Matos, por intermédio do sr. dr. R. de Serpa Pinto: balanças e pesos de ourives, colecção de rótulos de garrafas, etc.

Do sr. Eng. Duarte Pereira, por intermédio do mesmo, telha de rebôrdo com ornatos digitais e impressão duma pata de galinha, que, com outras, fazia parte duma sepultura vasia (medieval?) encontrada no lugar da Pousada, freguesia de S. Tomé de Vade, Ponte da Barca.

Do sr. Pedro de Aguiar, por intermédio do sr. dr. Alfredo Ataíde, dois exemplares de *Hapale jachus* (sagui do Brasil).

Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, depósito de doze machados de pedra polida dos arredores de Elvas, oferecidos pelo sr. Leren Antunes Barradas.

Do sr. dr. Humberto Pinto de Lima: quatro vasos ornamentados de barro negro de Ossela, Oliveira de Azeméis; duas peças de cerâmica popular, e um chapéu de mulher de Oliveira de Azeméis.

Excavações arqueológicas em Espanha

O diário madrileno *El Sol*, de 23 de Abril de 1929, publica uma «Real orden» concedendo numerosos créditos, na importância total de 124.000 pesetas, para excavações arqueológicas em vários pontos de Espanha, devendo as somas respectivas ser entregues aos delegados directores das excavações, mencionados naquele diploma. Estes terão depois de apresentar as contas e publicar o relato dos seus trabalhos, para o que são também arbitradas verbas. Serão realizadas explorações em Mérida, Medina-Az-Zahara (Córdova), Tarragona, Itálica (Sevilha), Cabezo d'Alcalá (Teruel), Sagunto, Cogotas (Avila), Sória, Logroño, Cádiz, Toledo, Cáceres, Baleares, Serra de Córdova, castros e citânias galegos, Simancas, Cerro Pozo (Guadalajara), etc.

Uma medida desta natureza honra quem a subscreve.

Eugenia no Brasil

Precedendo a fundação dum Instituto Brasileiro de Eugenia que vai inaugurar-se brevemente, começou a publicar-se no Rio de Janeiro, sob a direcção do ilustre eugenista e nosso consócio dr. Renato Kehl, um *Boletim de Eugenia*, que sai mensalmente. Já apareceram alguns números desse *Boletim*, que é uma bem orientada e útil publicação de propaganda.

Como nova demonstração do alto e justificado interêsse que no Brasil se consagra aos estudos eugénicos, regista-se a notícia da realização no Rio de Janeiro, no fim de Junho de 1929, por ocasião do Centenário da Academia Nacional de Medicina, do 1.º Congresso Brasileiro de Eugenia.

Transcrevemos do «Jornal dos Clínicos», daquela capital, alguns dos temas anunciados para o referido Congresso:

1. Movimento eugénico moderno — Conceito da eugenia. — Organização prática da acção eugénica.
2. Tipos da população do Brasil.
3. Índice de Lapique — Rádio-pélvico e Índice tibio-pélvico.
4. Estado actual da questão dos grupos hemáticos.
5. O conceito da espécie.
6. Escama, pele, pena.
7. Genética vegetal.
8. Sports em Zea-Mais.
9. Metabolismo básico nas raças.
10. Aplicação humana das leis do cruzamento.

11. Os preconceitos anti-raciais.
12. Variação e herança no homem.
13. A raça no ponto de vista antropológico e no ponto de vista sociológico.
14. O feminismo e a raça.
15. Educação moral e eugenia.
16. Educação eugénica em geral. Consciência da responsabilidade eugénica na família, nas escolas, nas universidades.
17. Educação sexual e eugenia.
18. A esterilização eugénica dos tarados e criminosos.
19. Regulamentação eugénica do casamento — Idade, consanguineidade, mistura de raças, estado físico e mental — Exame pre-nupcial e certificado médico — Divórcio.
20. Regulamentação económica do casamento — Seguro contra doenças, instituição do pecúlio de educação — O lar cooperativista.
21. As mães solteiras, sua protecção e dignidade — Pesquisa da paternidade — Penalidade pecuniária na fecundação extra-legal.
22. A maternidade consciente.
23. O lar adoptivo.
24. Delito de contaminação.
25. Protecção fiscal e administrativa dos lares sadios.
26. Protecção social da maternidade — Refúgios, cantinas, abrigos, maternidades, o seguro da procreação.
27. O aborto perverso e industrial.
28. Aplicação das leis de Mendel às doenças.
29. O controle dos nascimentos (birth-control).
30. O problema eugénico da imigração.
31. A mortalidade infantil.
32. Da selecção social.
33. Registro individual e registro genealógico da família.
34. Política eugénica.
35. Luta contra os venenos da raça.
36. Luta contra as doenças venéreas.
37. Luta contra as doenças mentais.
38. Estatística dos tarados no Brasil (cegos, surdos-mudos, débeis mentais e atrasados, epilépticos, toxicómanos, alienados, vagabundos).

Tôda a correspondência sôbre este Congresso deve ser endereçada à sede da Academia Nacional de Medicina: Rio de Janeiro (Brasil) — Avenida Augusto Severo, n.º 4.

Instituto Arqueológico da Alemanha

Em comemoração do centenário desta importante instituição, realizaram-se ultimamente solenidades e sessões científicas a que concorreram representantes dos estabelecimentos congêneres e sociedades da especialidade das diferentes nações. A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, convidada a tomar parte nessa comemoração, associou-se às justas homenagens prestadas, e, como, ao contrário do que sucedeu com as entidades oficiais e científicas dos outros países, não pôde enviar à Alemanha um seu delegado especial, pediu ao ilustre arqueólogo dr. Gerhard Bersu para a representar nas cerimónias projectadas, incumbência de que o investigador alemão amavelmente se desempenhou.

«Caracteres rúnicos e caracteres ibéricos»

Já depois de impresso este artigo, tivemos conhecimento de que o ilustre runólogo norueguês Carl Marstrander defendeu recentemente, na revista *Norsktidsskrift for Sprogvidenskab*, a derivação das runas dos alfabetos «etrusco-celto-latinos das regiões alpestres». Vamos procurar obter a nova contribuição do eminente epigrafista, que leremos com um interesse facilmente compreensível, mas seja-nos permitido salientar desde já o apoio importante que esta renovação da hipótese norte-italica deve trazer às ideias por nós defendidas neste mesmo fascículo.

L. C.

Afinidades galaico-portuguesas de Folclore

Os drs. Fermin Bouza Brey e Luis Brey Bouza, em publicação da secção folclórica do Seminário de Estudos Galegos, apresentaram uma curiosa notícia intitulada: «O cancionero das ribeiras do Tea»⁽¹⁾. Li este trabalho com cuidado e logo me impressionou a semelhança entre muitas das quadras apresentadas e algumas das que tenho apontadas no meu canhenho folclórico.

Cotejando umas e outras, o paralelo estabelecido foi além da expectativa, e daí nasceu esta nota, pequena contribuição para o

(1) A Cruña, 1929.

estudo das afinidades folclóricas entre a Galiza e o norte de Portugal.

A alma dum povo como o nosso, sentimentalista em extremo, exterioriza-se por diferentes formas, e entre estas não deixam de ocupar lugar de destaque as cantigas que reflectem aspectos vários do seu sentimento, desde o amor aos queixumes, humorismos, e impressões da realidade, em que não faltam muitas vezes sentenças e conceitos profundos.

Os desejos, as alegrias, as tristezas, os mais variados estados psicológicos perpassam nas composições poéticas que a alma simples do nosso povo deixa escoar pelos lábios, ao som do rítmico tanger das violas em noites luarentas de esfolhadas, ao som rouco do bater das espadelas nos cortiços, acompanhando assim os trabalhos agrícolas com descantes que os aligeiram.

Se é certo que as mensurações antropológicas com o estabelecimento de numerosos índices, nos fornecem elementos preciosos para o estudo das afinidades étnicas ou sua destrição, é certo também que as manifestações psíquicas e morais não devem ser desprezadas. E assim é, que povos afins devem exteriorizar sentimentos colectivos com pontos de contacto, quer por criação de formas semelhantes, quer por adopção comum daquelas que melhor se coadunam com o seu espírito e modo de ser.

O temperamento, a sensibilidade, o feitio moral, que as mais das vezes escapam a uma observação directa, podem perscrutar-se através das manifestações de natureza psíquica que nos é dado comparar. Neste campo as composições poéticas, os cantares, os romances, entre outras tantas manifestações do modo de ser de cada agregado étnico, constituem excelente elemento de estudo para apreciação de possíveis contactos ou influências recíprocas.

Sem dúvida que cada região tem as suas cantigas próprias em função de causas várias. Todavia, a musa aldeã de agregados próximos deve apresentar, e apresenta, criações afins, de analogia maior ou menor, formando por assim dizer um substracto comum sobre o qual assentam as modalidades regionais.

É ponto assente que as populações galega e minhota teem afinidades bem marcadas e não é portanto de estranhar que o mesmo se observe no que se refere às cantigas populares, quasi sempre exteriorizações sinceras dos mais variados estados de alma.

Apresentaremos lado a lado algumas das quadras registadas por Bouza Brey e Brey Bouza e aquelas que num bosquejo rápido aos nossos apontamentos, verificámos apresentarem maiores semelhanças, já pela forma, já pelo conceito. Mingua-me o tempo para

nesta altura rebuscar nos trabalhos dos investigadores portugueses que teem recolhido avultado número de quadras populares, outras analogias ou até identidades.

As quadras portuguesas que não levam indicação de localidade, fôram por mim colhidas em Barcelos.

* * *

Donde hai piñeiros hai piñas,
donde hai piñas hai piñóns,
donde hai amores hai celos,
donde hai celos hai pasiós.

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

Teño de subir, subir,
que do alto vexo ben
pra mirar os meus amores
si me falan con alguém.

Eu hei-de subir ao alto,
Qu'eu do alto vejo bem;
Quero ver se o meu amor
Namora com mais alguém.

Amores, meus amoriños,
en qué viñestes a dar...
Algún día tanto gusto
agora tanto pesar.

Algum dia por te ver
Eu ia de noite à fonte;
Agora peço a Deus
Que nem de dia te encontre.

(Mogadouro).

Dentro do meu peito teño
dous muiños a moer,
un moe outro desmoe...
así fai o ben querer.

Tenho dentro do meu peito
Duas zenhas a moer;
Uma anda, outra desanda,
Assim faz o bem querer.

O amor cando pretende
anda con firme cuidado,
depois de facel-a sua
fai o papel de olvidado.

O amor enquanto novo,
Ama com todo o cuidado;
Depois des'que está velho
Já dá parte de enfadado.

O meu amor dixome onte
que me había de ver hoxe,
por agora inda non tarda
que ten a pousada lonxe.

O meu amor disse-me hontem
Que me havia de ver hoxe;
Ele por ora não tarda
Que ele vem de muito longe.

Teño carta no correo
e non sei de quen será.
Si é de Xosé non-a quero,
si é de Manuel veña xa.

Tenho carta no correio,
Ai Jesus de quem será;
Se é de José não a quero,
Se é de António vou lá já.

O loureiro raís de ouro
bota folliñas de prata...
Coller amores non custa
olvidalos si que mata.

O loureiro é pau verde,
Bota folhinhas de prata;
Tomar amores não custa,
Deixá-los é o que mata.

Fuches falar mal de mín
a xunta dos meus amores,
fai de conta que botache
auga por riba de frores.

Dissestes mal de mim
A um bem que me adora;
Se éle me queria ben,
Inda mais me quer agora.

Amores ô lonxe, ô lonxe
que preto calquera os ten...
Eu tamén os teño lonxe
e correspóndenme ben.

De alá da banda do río
tem meu pai un castiñeiro
que da castañas no Agosto
i-uvras brancas no Xaneiro.

Teño un cento de cantigas
todas n-unha saquetiña
e cando as quero cantar
desátolle a baraciña.

San Antonio de Canedo,
casamenteiro das vellas,
porque non casas as novas
que mal che fixeron elas.

Dende a miña casa á túa
hai o salto de unha cobra...
Inda lle penso chamar
á tua nai miña sogra.

Casaime, meus pais, casaime,
namentras son rapariga
que o millo sachado tarde
non da pondón nin espiga.

Non te cases c-un ferreiro
que é moi malo de lavar;
cásate c-un mariñeiro
que ven lavado do mar.

Os ollos brancos son falsos
os negros namoradeiros,
vivan os ollos castaños
por firmes e verdadeiros.

Os mociños que hai agora
son moitos e tratan ben;
si estrenan unha chalina
xa non falan con ninguén.

Portadore das raíñas,
volta atrás que vas perdido:
esa muller que ahí levas
é casada e ten marido.

Amores ao longe, ao longe,
Ao perto quem quer os tem;
Quanto mais ao longe, ao longe,
Quanto mais lle quero bem.

Da outra banda do río
Tem meu pai um castanheiro,
Dá castanhas em Abril
E uvas brancas em Janeiro.

Sei um cento de cantigas
E mais uma taleiguinha,
Quando as quero cantar
Desato-le a baracinha.

S. Gonçalo de Amarante
Casamenteiro das velhas,
Porque não casas as novas?
Que mal te fizeram elas?

Da minha janela à tua
É o saltinho duma cobra,
Eu inda espero chamar
A tua mãe minha sogra.

(Mogadouro).

Minha mãe case-me cedo
Emquanto sou rapariga,
O milho sachado tarde
Não dá palha nem dá espiga.

Eu casei-me c'um ferreiro
Sorte tinha de passar,
Já gastei o dote todo
Em sabão para o lavar.

Os olhos verdes são falsos,
Os azúis são lisonjeiros;
Os olhos acastanhados
São os leais, verdadeiros.

Fui ao monte buscar carqueja,
Puz o pé no verde tojo;
Estes mocinhos de agora
De aceados metem nojo.

(Mogadouro).

Oh! pescador da barquinha
Olha que tu vais perdido;
Essa mulher que aí levas
É casada e tem marido.

Raparigiña do gando,
que herba lle botas ô pelo
—Bótalle unha herba do monte
que lle chaman trementelo.

Teño unha mazán na ucha
que ma deu un carpinteiro;
hai un ano que a teño
inda non perdeu o cheiro.

María lavaba,
Xosé estendía,
o neno choraba,
¡atura María!

Que piñeirños mais altos,
que piñas tan amarelas.
As palabriñas dos homes
quen che se fiara de elas.

Rosa branca que tiveche
para mudar de color.
Ou che é señal de morte,
ou é señal de outro amor.

O anelo que me deche
foi no día do Señor
Heme grandíño do dedo
e pequeniño en amor.

Xa comín e xa bebín,
xa botei auga no vaso;
xa tomei amores novos
e de tí non fago caso.

Pensache que porque ría
que xa me tiñas na man;
inda tés que dar mais voltas
que dá o muiño en van.

O anelo que me deche
heino de pisar cos pés.
Antes de casar contigo
hei de saber quen ti és.

Cálate, vaite calando,
cara de Sardiña cruda,
que parecees o meu porco
cando come a lavadura.

Menina se quer saber
Com que se trata o cabelo,
Com a ervinha do monte
Que se chama tromentelo.

Minha maçã vermelhinha
Que m'a deu um carpinteiro,
Há seis anos que a tenho
Inda não perdeu o cheiro.

Maria lavava
José estendia,
Menino chorava
Com frio que tinha.

Oh! que pinheiros tão altos!
Oh! que pinhas tão còradas!
Assim são as raparigas,
Emquanto não são casadas.

Rosa branca toma còr,
Não sejas tão desmaiada;
Que não digam as mais rosas,
Rosa branca não vales nada.

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou;
O amor que tu me tinhas
O anel o demonstrou.

Já comi e já bebi,
Já molhei minha garganta;
Sou como o pintasilgo
Assim que bebe logo canta.

Cuidavas que por m'eu rir
Já me tinhas na mão;
Eu não sou tão rabaceira
Que còma a fruta do chãõ.

O anel que tu me deste
Era de vidro, quebrou-se;
E a amizade que t'eu tinha
Era pouca, acabou-se.

(Mogadouro).

Cala-te ó cantadeira,
Cara de sardinha crua;
Pareces a regateira
Que vende sardinha na rua.

Cando quixen non quixeches,
ora queres i-eu non quero,
levarás a vida triste
que eu ven alegre cha levo.

Oívidácheme por probe,
i-eu por rico che deixei;
vale mais probe con honra
que rico de mala ley.

Quen fala de mín, quen fala,
quen fala de mín quen é.
Será algún zapato veilo
que non me sirve no pé.

Chamácheme moreniña
blanquiña vai te lavar.
Dicés que non teño amores
¡inda chos podos emprestar.

¡Canta laranxa madura!
¡Canto limón pol-o chan!
¡Canta rapaza bonita,
ningunha na miña man!

Hai que alta vai a Lúa,
mais alto vai o luar,
mais alta vai a fortuna
que Dios ten para me dar.

Miña nai, miña naiçúña,
que boa nai teño eu:
vendeu o seu coletinho
para me mercar o meu.

Manuel fixo unha fonte,
púxolle o bico de prata;
as mozas non van a ela
Manuel todo se mata.

Miña nai por me casar
prometeume unha galiña,
e despois de me casar
dixome que non-a tiña.

Quando eu quis tu não quiseste,
Tiveste opinião;
Agora queres, eu não quero,
Tenho minha presunção.

Você diz que me não quer,
Diga-me a razão porquê.
Você diz eu que sou pobre...
Que dinheiro tem você?

Quem fala de mim, quem fala,
Quem fala de mim, quem é,
Quem fala de mim não chega.
Para a sola do meu pé.

Chamaste-me moreninha,
Eu não me escandalizei;
Moreninha é pimenta
E vai à meza do rei.

Tanta laranja partida,
Tanto limão pelo chão,
Tanta menina bonita,
Nenhuma na minha mão.

Vai alta a lua vai alta,
Mais alto vai o luar;
Mais alta vai a ventura
Que Deus tem para nos dar.

Minha mãe, minha mãezinha,
Que linda mãe tenho eu.
Vendeu o seu coletinho
P'ra me dar a mim o meu.

S. João p'ra ver as moças
Fêz uma fonte de prata;
As moças não vão a ela,
S. João todo se mata.

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me quanto tinha,
Depois de me ver casada
Deu-me um fole sem farinha. (1)

(1) Variante destes dois últimos versos:

«Quando foi ao dar do dote
Disse-me que nada tinha.»

— Eu queríame casar,
miña nai, non teño roupa.
— Cala, miña filla, cala
que unha perna tece a outra.

Eu ben vin estar o moucho
enriba de un cacho de uvas;
vaite de ahí morte negra
desamparo das viudas.

A subir o alcipreste
cheguei o medio e caín,
o alcipreste é a morte
i-eu para morrer nacín.

Esta noite e mais a outra
e mais a outra pasada
abalei unha pereira
que nunca fora abalada.

Silva verde, non me prendas
mira que non me aseguras,
mira que xa levo rotas
outras cadeas mais duras.

Pontevedra é boa vila
dá de beber a quen pasa,
a fonte da Ferrería
San Bartolomé na praza.

Eu quería-me casar,
Minha mãe não tenho roupa;
Cala-te, minha filha, cala-te,
Que uma perna cobre a outra.

Eu já vi a morte negra
No adro a comer uvas;
Vai-te daí morte negra
Desamparo das viúvas.

Ao subir ao arcipreste
Cheguei ao meio, caí;
O arcipreste é morte,
Ai de mim que já morri.

Vou-me por aqui abaixo
Como quem não vai a nada,
Abanar uma pereira
Que inda não foi abanada.

Silva verde não me prendas,
Olha que me não seguras
Porque já tenho quebrado
Outras algêmas mais duras.

Moncorvo é boa vila,
Dá de beber a quem passa;
Para quem não traz dinheiro
Está o chafariz na praça.

(Moncorvo).

Pelo que fica dito, verificam-se grandes afinidades folclóricas galaico-portuguesas, especialmente no que diz respeito às quadras que recolhi em Barcelos. Poderia acrescentar outros confrontos. Mais de 30 % das quadras galegas publicadas por Bouza Brey e Brey Bouza são afins de quadras portuguesas. Esta maior ou menor semelhança, por vezes quasi identidade, tem sem dúvida como causa primacial a origem comum, remontada a tempos antigos, mas não deixa porisso de ser um sintoma de parentesco revelado nas mesmas inclinações e tendências, conseqüência lógica de sensibilidade e gostos semelhantes ligados com ideias morais afins.

Os hábitos comuns ou idênticos, as condições geográficas semelhantes, a própria paisagem, são factores externos que sem dúvida exercem forte influência nêsse sentido.

Escreve Van Gennepe (1): «Os agentes de transmissão e de difusão das canções são... os cantores profissionais, sedentários ou ambulantes, os peregrinos, os ciganos e outros nómadas, os soldados e até os homens de ciência». Descrevendo o modo como um operário dos Cevennes semeou por tóda a França uma canção local, o eminente folclorista diz: «O que se passou para esta cantiga cevénola devia ter-se repetido muitas vezes e teria frequentemente bastado um homem a percorrer em pequenas jornadas uma grande parte do país para difundir uma canção que se enraizava onde quer que encontrasse espíritos favoravelmente dispostos» (2).

Num trabalho há pouco publicado na «Revista de Guimarães» os srs. Bouza Brey e Florentino Cuevillas (3), a propósito duma prática tradicional que registei em Traz-os-Montes, mostram que essa prática tem analogias com factos folclóricos da Galiza, e, aludindo ao cancionero popular, afirmam as semelhanças a tal respeito entre esta região e as nossas províncias do norte. Anunciam para uma oportunidade futura um trabalho comparativo. A presente notícia constitui uma singela contribuição para uma tarefa dessa ordem.

Esclarecerei, como me cumpre, que muitas das trovas que colhi em Barcelos, teem sido já arquivadas por diferentes autores noutras localidades minhotas.

SANTOS JÚNIOR.

(1) Arnold van Gennepe. *Le Folklore*, pág. 71. Paris, 1924.

(2) Id., pág. 72.

(3) *Paralelos galegos a unha práctica popular trasmontana*. «Rev. de Guim.», XXXVIII, pág. 115, 1928.